

INTERPRETAÇÃO DO LIVRO DO GÊNESIS¹

Mestre Eckhart

[1] Agostinho trata de maneira ampla do início do livro do Gênesis, sobretudo em seus livros *Super Genesim ad litteram* e *Super Genesim contra Manichaeos* e também nos três últimos livros das *Confissões*. O mesmo fazem Ambrósio e Basílio em *Hexaemeron* (Obra dos sete dias); Moisés Maimônides, no *Guia dos perplexos* (sobretudo no livro 2, cap. 31) e Tomás, na *Suma teológica* (parte I, questões 44, 45, 46, 47 e depois, ainda na parte I, questões 65 a 74).

1 PRIMEIRO CAPÍTULO

No princípio Deus criou céu e terra.

[2] A respeito da afirmação, é preciso notar previamente quatro pontos. Primeiro: O que é esse princípio que diz que Deus criou céu e terra. Segundo: Como se afirma ter criado o céu no princípio, quando no Salmo (101,26) e em Hebreus (1,10) se diz: “No princípio, Senhor fundaste a terra”, e no Eclesiástico (18,1) “aquele que vive eternamente criou tudo simultaneamente”. Terceiro: Se o uno que é nascido desde sempre cria o um, como é que Deus, o uno simples, que se comporta sempre do mesmo modo, produziu ou criou no princípio céu e terra, que são tão distintos, e isso tudo simultaneamente². Quarto: Disso se conclui que tudo que está aquém de Deus tem seu ser de algum outro lugar ou de outro, e não obstante nada é tão íntimo, nada é tão primeiro e próprio como o próprio ser.

¹ Tirado de MAGISTRI ECHARDI. **Prologi in opus tripartitum, expositio libri genesis, exposito libri exodi**. Intr. e ed. por Konrad Weiss. Stuttgart: Kohlhamer, 1935. p. 185-205. Tradução do latim de Fr. Orlando Bernardi OFM.

² Aristóteles, *De gen. et corr.* II t. 55 (B c. 10 336 a 27).

[3] Em primeiro lugar, é preciso saber que **o princípio no qual Deus criou céu e terra é a *ratio idealis* (*razón ideal*)**³. É por isso que se afirma: “No princípio era o verbo” – a versão grega usa *logos*, isto é, *ratio* (*el intelecto*) – e segue-se: “tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito” (Jo 1,1.3). Universalmente, o princípio e a raiz de cada coisa é a *ratio* da própria coisa. Daí que Platão propunha as ideias ou *rationes* como princípio do ser e do saber de todas as coisas. Disso decorre também, em terceiro lugar, que o comentador no VII livro da *Metafísica*⁴ diz que os antigos sempre buscaram saber qual é **quididade** da coisa sensível, pois uma vez sabida esta, saber-se-ia também a causa primeira de todas as coisas. Por “causa primeira” o comentador não nomeia o próprio Deus, como admitem erroneamente muitos, mas a própria **quididade** das coisas que é a *ratio* das coisas, e que indica sua definição. Com efeito, essa *ratio* é o “aquilo que é” (*quod quid est*) das coisas e o “por causa de que” (*propter quid est*)⁵ de todas as propriedades da coisa. Como diz o filósofo, a definição e a demonstração diferenciam-se apenas pela posição⁶.

[4] Além disso, porém, a própria *ratio* das coisas é o princípio, de tal modo que não possui nem considera nenhuma causa extrínseca; antes, considera internamente apenas a essência das coisas. Por causa disso, o metafísico, considerando a entidade das coisas, nada demonstra fora das causas, isto é, eficiente e final. É esse, portanto, o princípio, a saber, a *ratio idealis* na qual Deus tudo criou, sem levar

³ AGOSTINHO, *De Gen, ad lit. VI, c. 9s*: “pois naquela primordial criação do mundo, quando Deus criou, simultaneamente, todas as coisas, o homem foi criado, que seria futuro – razão (*ratio*) da criação do homem não uma ação do criado. Mas isso se dá de forma diferente no Verbo de Deus, onde essas coisas não foram feitas, mas são eternas, de outra forma nos elementos do mundo [...] de outra ainda nas coisas”. Cf. S. TOMÁS, *S. theol. I q 115 a 2*: “(as *rationes seminales*) como afirma Agostinho, estão principal e originalmente no próprio Verbo de Deus como *rationes ideales*”.

⁴ AVERRÓIS, *Met. VII com. 5* (in *Z c. 1seq. 1028 b 2-27*).

⁵ ARISTÓTELES, *Anal. Post. II c. 2* (B c. 2 90 a 31-34).

⁶ ARISTÓTELES, *Anal. Post. I c. 8* (A c. 8 75 b 31).

em consideração nada exterior. É o que afirma abertamente Boécio no livro 3 de *A consolação da filosofia*⁷:

Criador da terra e do céu, a quem as causas externas não forçaram tu conduzes tudo do alto pelo exemplo, tu mesmo belíssimo, crias o belo mundo com a mente e o formas à semelhança da imagem.

[5] Disso provém que os santos⁸ coincidam em interpretar que Deus criou céu e terra no princípio, isto é, no Filho, que é a imagem⁹ e a *ratio idealis* de tudo. Por isso, diz Agostinho¹⁰: “Quem nega as ideias, nega o Filho de Deus”. Dessa forma, portanto, **Deus criou tudo no princípio**, isto é, na *ratio* e de acordo com a *ratio idealis*, e, sem dúvida, uma é a *ratio* do homem, outra do leão, e desse modo para cada coisa¹¹.

Novamente, porém, criou todas as coisas na *ratio*, porque, racional e sabiamente, diz o Salmo: “Fizeste todas as coisas na sabedoria” (Sl 103,24). E no livro 3 do *De libero arbitrio*, Agostinho¹² diz: “Aquilo que por uma razão verdadeira te parece ocorrer-te de melhor, saiba que Deus o fez como criador de todos os bens”.

⁷ M. IX, CSEL LXVII 63,18-24.

⁸ Cf. GLOSSA ORD., In: *Gen 1,2*: “portanto, aqui se compreende que toda a Trindade agiu, quer dizer, Deus Pai, o Filho princípio, o Espírito Santo, espírito de Deus”. BOAVENTURA, *Breviloquium*, II 5: “No princípio Deus criou o céu e a terra’ e ‘o espírito de Deus pairava sobre as águas’ [...]. Com isso se insinua que a Trindade eterna, quer dizer, o Pai em nome de Deus criador, o Filho em nome do princípio e o Espírito Santo em nome do espírito de Deus”.

⁹ Eckhart parece assumir aqui imagem em lugar de exemplar. A respeito desse uso impróprio cf. S. TOMÁS, *S. theol. I q 33 a 1 ad 1*.

¹⁰ Cf. ALEXANDRE DE HALES, *Glossa in Sent. I d. 36 n. 4* (Quaracchi 1951, 357): “As ideias estão na mente divina, como afirma Agostinho no *De Civitate*; quem não crê nelas, não se duvida ser infiel”. Na verdade, essas palavras contradizem o que Agostinho largamente explica em *Diversas questões* LXXXIII q. 46 n. 2, PL 40,30.

¹¹ Cf. AGOSTINHO, *Diversas questões* LXXXIII q 46 n 2. PL 40, 30: “permanece que todas as coisas foram criadas. O homem não com a mesma *ratio* que o cavalo; seria absurdo julgar assim. Cada coisa, por isso, foi criada com *rationes* próprias”. Cf. S. TOMÁS, *S. theol. I q 15 a 2*.

¹² c. 5 n. 13, PL 32, 1277.

[6] Ainda porém, em segundo lugar, deve-se saber que o princípio segundo o qual Deus criou céu e terra é a natureza do intelecto: “fez os céus no intelecto” (Sl 136,5). Com efeito, o intelecto é o princípio de toda natureza, como se diz no comentário à nona proposição do *De causis*¹³, com as seguintes palavras: “A inteligência rege a natureza pela força divina”. E mais adiante: “a inteligência compreende as coisas engendradas, a natureza e o horizonte da natureza”; e depois conclui: “Portanto, a inteligência contém todas as coisas”. Assim, pois, **criou céu e terra** no princípio, isto é, no intelecto. Isso é contra aqueles que afirmam que Deus criou e produziu as coisas pela necessidade da natureza.

[7] Ademais, em terceiro lugar, o princípio em que **Deus criou céu e terra** é o primeiro agora simples da eternidade; direi que é exatamente o mesmo e igual agora em que Deus é, desde a eternidade, e em que também é, foi e será eternamente a emanação das pessoas divinas. Moisés diz, portanto, que Deus criou céu e terra no princípio absolutamente primeiro, no qual Deus existe sem intermediação alguma ou intervalo. A partir disso, quando por vezes se me perguntou por que Deus não teria criado o mundo antes, respondi que ele não podia porque não existia. Não existia antes, antes que houvesse mundo. Além do que, como poderia ter criado antes, quando criou o mundo imediatamente no mesmo agora no qual ele existiu? Não se deve portanto imaginar erroneamente como se Deus tivesse esperado algum agora do tempo futuro em que criaria o mundo. Pois é simultaneamente e de uma só vez que Deus existiu, pela qual gerou o filho coeterno a si e em tudo coigual a Deus, criou também o mundo¹⁴, como afirma Jó: “Deus fala de uma vez para sempre” (Jó 33,14). Fala, porém, gerando o Filho, porque o Filho é o verbo. Ele fala também criando as criaturas, como diz o Salmo: “disse e foram feitas as coisas, ordenou e foram criadas” (Sl 32,9; 149,5). Por isso, se diz em um outro

¹³ § 8; 172,15. 20.23.

¹⁴ Cf. AGOSTINHO, *Confissões* XII, c, 20 n. 29: “No princípio Deus criou o céu e a terra, isto é: Deus criou no Verbo, coeterno a si”.

Salmo: “Deus falou uma vez, duas coisas ouvi” (61,12). “Duas”, quer dizer, **céu** e **terra**, ou melhor, “essas duas”, a saber, a emanção das pessoas e a criação do mundo, que, no entanto, ele mesmo fala uma só vez, falou uma só vez – isso a respeito do primeiro dentre os quatro pontos precedentes.

[8] Não se opõe a isso o que Hebreus (1,10), em concordância com o Salmo (101,26), em ordem inversa afirma: “Tu, Senhor, no princípio fundaste a terra; e os céus são obra de tuas mãos”.

Em primeiro lugar, pois, porque as frases “substantivos e verbos em ordem inversa significam o mesmo”.

Em segundo lugar, porque, do mesmo modo que aquilo que não fazemos simultaneamente e de uma só vez, por exemplo, o fundamento, as paredes e o teto são expressos simultaneamente por um só nome, isto é, **casa**. Assim, ao contrário, as coisas que Deus faz simultaneamente não podem ser expressas por nós de uma só vez, seja porque o dizer de Deus é seu fazer¹⁵ – diversamente de nós –, ou porque o dizer de Deus é a causa de sua obra, da totalidade e de todas as suas partes – diversamente de nós¹⁶. Deve-se notar então que, se a matéria da casa dependesse totalmente do arquiteto e lhe estivesse sujeita conforme sua vontade, o arquiteto, por certo, ao pensar a casa, produziria praticamente todas as partes dela e simultaneamente também à própria casa. Essa atuação e também o nosso saber se originam das coisas, e, por isso, dependem das coisas e se modificam ao mudarem as coisas. Ao contrário, as próprias coisas têm sua origem no saber

¹⁵ Cf. AGOSTINHO, *Conf. XI c 7 n 9*: “Com o Verbo, coeterno contigo, dizes tudo, simultânea e sempiternamente, o que dizes; e realiza-se o que dizes que se faça; não fazes de outro modo senão dizendo: no entanto, nem tudo o que dizendo fazes é feito de maneira simultânea e sempiterna”.

¹⁶ Avicenna *Met. IX c. 4 (104va 34-41)*: *ipse est intelligens omnia ut unum simul. Et ex hoc quod intelligit, sequitur ordinatio bonitatis in esse. Et intelligit unum, qualiter est possibile elegantius provenire esse totius secundum iudicium sui intellecti. Certitudo autem intellecta apud eum est ipsa, sicut nosti, sentia, potentia et voluntas. Nos enim add exsequendum quod imaginamus indigemus intentione, motu et voluntate ad hoc, ut sit. In ipso autem hoc non est conveniens nec potest esse propter suam immunitatem a dualitate.*

de Deus e dele dependem; por causa disso, as próprias coisas, sendo posteriores, modificam-se. Deus em seu saber não se modifica. É isso que o Salmo (101,27s) e o Apóstolo (Hb 1,12) acrescentam em seguida a respeito dos céus: “Tu os modificas, e serão modificados. Mas Tu és o mesmo”.

[9] Novamente, em terceiro lugar, deve-se notar: porque nas criaturas nada é plenamente perfeito; na maior parte dos casos as últimas coisas nos entes superam as anteriores em algo. Por causa disso é que em um dos tópicos está escrito que o que é semelhante ao melhor não é melhor se não lhe for semelhante no que tem de melhor. Assim, portanto a terra sobrepuja inclusive o céu em estabilidade e imobilidade. Por isso o comentador e seus seguidores determinam a localização do céu através da terra ou do centro. Tudo a esse respeito, encontrarás em seu lugar, no livro das questões. Por isso, se diz com acerto: “Tu, Senhor, fundaste a terra no princípio” (Hb 1,10), de acordo com o Salmo: “fundaste a terra sobre sua estabilidade” (Sl 103,5). Disso segue-se que em nós o lado direito é naturalmente mais hábil para o movimento e se expõe por primeiro, enquanto que o esquerdo se adapta melhor ao que é fixo. Com efeito, quem se põe a caminho, antepõe o pé direito, apoiando-se e fixando-se no pé esquerdo. De modo semelhante, ao trabalhar, age-se com a direita e segura-se com a esquerda aquilo que se está sendo feito.

Mas aquilo que se diz no Eclesiástico – “aquele que vive em eternidade, criou tudo simultaneamente” (Dt 18,1) – já se encontra interpretado suficientemente por outros.

[10] Isso quanto ao segundo dos quatro pontos principais.

Em terceiro lugar, resta ainda ver como do um simples de Deus podem imediatamente existir e serem produzidas muitas coisas distintas e diversas, como o céu, a terra e semelhantes, pois disse: “No princípio Deus criou céu e terra”.

Uma boa resposta para isso é que uma coisa é o agente atuar por necessidade da natureza, outra coisa é atuar voluntariamente e pelo

intelecto, como se dá com Deus, pelo dizer de Tomás¹⁷, a isso cabe o que se disse anteriormente: “No princípio”, isto é, no intelecto, “criou céu e terra”.

Uma segunda resposta, muito sutil, é dada por Avicena no Capítulo 4 do livro 9 da *Metafísica*¹⁸. No entanto, como se afirmou anteriormente, Tomás se contrapõe a essa palavra e igualmente Moisés Maimônides (no *Guia dos perplexos*), livro 2, Capítulo 23¹⁹. Alguém dos maiores do mundo costumava dizer que do um, isto é, de uma ideia, imediatamente, só pode ser produzido um²⁰.

[11] Entretanto, eu próprio tenho o costume de responder a isso de outro modo e triplicemente. Primeiro assim: supondo-se que Deus atue pela necessidade da natureza, afirmo: Deus age e produz as coisas por sua natureza, isto é, de Deus, mas a natureza de Deus é intelecto e, para Ele, ser é conhecer (*intelligere*); Ele produz, portanto, as coisas no ser pelo intelecto. Consequentemente: como não repugna a sua simplicidade conhecer muitas coisas, tampouco repugna produzir muitas coisas imediatamente²¹.

Segundo, assim: o fogo gera fogo e aquece por sua forma e pela propriedade do calor. Se possuísse igualmente a forma da água e a propriedade de molhar ou de esfriar, geraria ao mesmo tempo e igualmente fogo e água; aqueceria, molharia e esfriaria

¹⁷ 9S. Theol. I q. 47 a 1 ad 1. Cf. De pot. Q. 3 a 4; a 16 ad 11. Averróis, Met. XII com. 44 (in Lambda c. 8 1073 b 1-10).

¹⁸ (104v-105r).

¹⁹ *per totum capitulum* (53v-54r).

²⁰ Parece que Eckhart alude a Siger de Brabant (*Quaestiones in Methaphysicam V q. 10*): “segundo a intenção de Aristóteles e Avicena, o efeito imediato do primeiro é apenas um; pois permanecendo o mesmo, é sempre o mesmo, nasceu para fazer o mesmo, como se afirma em *De generatione*”. Ainda: “Como, pois no primeiro não existe nenhuma diversidade, a causa da diversidade não pode dar o efeito imediato dele, ou se afirma que Deus age mediante o intelecto ou pela natureza. Se, porém, se afirma que produz através do intelecto, é necessário que faça o diverso através das espécies inteligíveis, contudo compreende o inteligível através de uma espécie”.

²¹ Cf. MAIMÔNIDES, l.c.: “Todo agente com intenção e vontade e não pela natureza pode produzir muitas e diversas ações”.

simultaneamente. No entanto, Deus já tem, de antemão e por natureza, todas as formas e as formas de tudo²². Por isso, ao produzir naturalmente, Deus pode produzir imediatamente diversas coisas e tudo.

[12] Por terceiro e melhor, digo que, na verdade, do um que se comporta uniformemente, sempre procede imediatamente um. Esse um é o próprio universo como um todo, que procede de Deus e que permanece um nas muitas partes do universo²³, assim como o próprio Deus, que produz, é uno ou um simples no ser, no viver, no conhecer e no operar, mas abundante segundo as *rationes ideales*. Universalmente, portanto, a natureza volta-se e tende imediatamente, em primeiro lugar e por si, para o todo.

Daí deve-se notar, em primeiro lugar que, quanto mais perfeita e simples no ser for uma coisa, tanto mais copiosa será segundo as *rationes* e as potências. Por exemplo: a alma racional é a mais perfeita entre todas as formas da matéria, e por isso é a mais simples em ser e substância e a mais múltipla em potências, como vem atestado e demonstrado pela diversidade e distinção dos membros do corpo humano.

Em segundo lugar, deve-se notar que quanto mais perfeito for o universo ou o mundo, tanto mais simples é seu ser e tanto mais numerosas suas partes e mais variadas são em sua pluralidade.

[13] A partir daí ficam evidentes a questão e a dúvida de alguns rudes que perguntam se Deus produziu o anjo ou alguma outra criatura antes das outras. Produziu imediatamente, pois, não essa ou outra parte do universo, mas imediatamente o próprio universo no seu tudo, universo que, digo, não teria sido produzido, nem seria universo se lhe faltasse alguma de suas partes essenciais. A partir disso, portanto,

²² Sermão 22 (Quint) I, 377,1: “No Pai se encontra a imagem de todas as criaturas”. S. TOMÁS, *S. theol. I q. 15 a. 2*: “é necessário que na mente divina estejam as *rationes* próprias de todas as coisas”.

²³ AGOSTINHO, *A Cidade de Deus XI, c. 33*: “No princípio Deus criou o céu e a terra; com esses nomes se quer significar toda a criatura, quer espiritual quer corporal, que é mais crível, ou as duas grandes partes do mundo, que contêm tudo o que foi criado, para que primeiramente se expusesse toda ela e depois se executassem suas partes segundo o número místico dos dias”.

não existiria universo se faltasse a pedra, ou a madeira, ou a natureza do espírito do anjo. Isso quanto ao terceiro ponto principal dentre os quatros anunciados.

[14] O quarto ponto principal, na verdade, a saber, que tudo que está abaixo de Deus tem o ser de outro ou de outra parte, a partir do que foi mencionado, fica resolvido assim: foi dito, pois, que “Deus criou céu e terra”, ou seja, as coisas superiores e as inferiores e conseqüentemente tudo. No entanto, criação é doar o ser, e é isso que diz Proclo²⁴: “Todos os entes procedem de uma única causa primeira”. Agostinho, nas *Confissões*²⁵, diz assim: “De nenhuma outra veia é trazido, de algum lugar, aquilo que verte ser em nós, se não pelo ato com o qual nos fazes, Senhor!” Tampouco deve-se imaginar que isso venha a nós, por assim dizer, de fora; por isso, Deus, como causa primeira, é o imo dos entes, e seu efeito e influência, enquanto vêm do primeiro e supremo, são naturalíssimos, suavíssimos e convenientíssimos, como aparece, através de argumentos racionais e exemplos, no *Opere propositionum*, no tratado *De superiori*. Que isso baste por ora para as exposições literais da afirmação mencionada, que diz: “No princípio Deus criou céu e terra”. Expus outras interpretações no prólogo geral de toda a *Opus tripartitum*.

[15] Mas, espiritualmente, deve-se notar que se diz que Deus criou **céu e terra**. Nomeia-se o céu no princípio e posteriormente a terra. Nisso se ataca, em primeiro lugar, aqueles que antepõem as coisas terrenas às celestes. Opondo-se às palavras: “Buscai por primeiro o reino de Deus” (Mt 6,33), antepõem os bens terrenos aos celestes. Esses se assemelham ao cão, que, querendo apanhar a sombra da carne, perde a carne.

Da mesma forma, em segundo lugar, se ataca aqueles que fazem o bem por temor, não por amor. Com efeito, tais olham em primeiro lugar para a **terra**, isto é, ao castigo, não para o **céu**, isto é, ao amor

²⁴ PROCLUS DIADOCHUS. *Element. Theol. Prop.* 11 (269).

²⁵ C. 6 n. 10 (8,7-9).

do bem. É contra eles que o poeta diz: “Os maus odiaram o pecado por temor do castigo”. Contra estes, diz Agostinho no Capítulo 20 de *A verdadeira religião*²⁶: “Invertem o estilo, escrevem com a espátula e apagam com a ponta. Do mesmo modo, tais têm a cabeça em baixo, os pés em cima e o céu embaixo”; “Vi homens como árvores que caminham” (Mc 8,24). Donde, não é de se admirar que trabalham muito e sofrem castigo, pois trabalham contra a ordem da natureza, contra o ímpeto da inclinação natural e contra a ordem de Deus, que “no princípio criou o céu”. “Puseste-me contra ti, e tornei-me um peso para mim mesmo” (Jo 7,20).

[16] Ademais, se diz que Deus teria criado **céu e terra no princípio**, isto é, racionalmente, como foi exposto anteriormente, porque o homem divino sabe ordenar bem tanto as coisas favoráveis como as adversas, tanto as boas quanto as más, e delas fazer bom uso, segundo a palavra que diz: “aos que amam a Deus, todas as coisas concorrem para o bem” (Rm 8,28). “No princípio Deus criou céu e terra”; **no princípio**, isto é, racionalmente.

[17] A respeito das palavras precedentes, nota duas coisas tiradas de Moisés Maimônides²⁷. Primeira: “Há uma diferença entre princípio e primeiro. Pois o princípio é algo que está naquilo e naquilo de que é princípio, embora sem precedê-lo no tempo. Assim o coração é o princípio da vida dos animais”. “Mas o primeiro se diz daquilo que é mais antigo no tempo, embora não seja a causa para o que lhe é posterior, como quando dizemos: o primeiro a morar naquela casa foi Pedro e depois dele João”. “Mas a palavra com a qual se inicia o livro do Gênesis, em língua hebraica, significa princípio e é derivada da palavra **cabeça**, que é o princípio do corpo de qualquer animal”.

[18] Segunda: deve-se observar que **Deus criou** simultaneamente **céu e terra** e tudo que existe neles, “em seu estado e em sua beleza”, “perfeitos na espécie, na forma e na escolha dos acidentes”, mas esses

²⁶ C. 20 n. 39, PL 34, 138.

²⁷ *Guia dos perplexos*, II c. 31 (60r 1-9).

não apareceram simultaneamente. Por exemplo: O agricultor, que semeia simultaneamente diversos gêneros de semente na terra. Uma parte germina depois de um dia, outra, porém, depois de dois dias, e a outra ainda depois de três dias, mas todas as sementes foram semeadas na mesma hora.

[19] Novamente, em terceiro lugar, resumindo o que se disse, que “no princípio Deus criou céu e terra”, digamos: **Deus criou céu e terra no princípio**, quer dizer, “no ser” ou “para o ser” e “por” e “para o ser”, isto é, criou para que existam: “Criou todas as coisas para subsistirem” (Sb 1,14), pois o ser é o primeiro e o princípio de todas as intenções e perfeições. A respeito disso tratei extensivamente no primeiro capítulo do Livro da Sabedoria (*Sap.* n. 19-32).

Em segundo lugar, **criou no princípio**, isto é, criou de tal modo a não existirem fora dele, ao contrário de todos os artífices inferiores a Deus. O carpinteiro constrói a casa fora de si mesmo. No quarto livro das *Confissões*, Agostinho diz: “Não criou e afastou-se, mas o que dele provém permanece nele”.

[20] Terceiro: **Criou no princípio**, quer dizer, criou de tal modo que sempre cria²⁸: “Meu pai age até agora” (Jo 5,17).

Quarto: “No princípio”, isto é, no Filho; “Eu sou o princípio” (Jo 8,25). Aqui se deve observar o seguinte: do mesmo modo que ninguém se torna justo, a não ser pela justiça que engendra e enquanto esta é engendradora, bem como pela e na justiça engendradora²⁹, assim também nada é criado, a não ser pelo ser ingênito e a não ser no ser engendrado, que é o Filho.

²⁸ Com o verbo **criar** Eckhart abarca a criação e a conservação das coisas no ser. Cf. AGOSTINHO, *De Gen. ad litt. IV c. 12*: “Com efeito, a potência do criador, o vigor do onipotente e do onipresente é a causa pela qual subsistem toda as criaturas; se esse vigor, por um só momento, cessasse de reger os seres criados, ao mesmo tempo cessariam as espécies deles e toda a natureza desapareceria”.

²⁹ A respeito da distinção entre justiça não criada e justiça criada, cf. *In Gen. II n. 180*. A justiça criada parece ser aquele mesmo ser e exemplar de que Eckhart em *In Joh.* n. 15, p. 14 3-5 afirma: “a justiça possui em si o exemplar que é a semelhança ou a *ratio*, na qual e para a qual forma e informa ou veste todo o justo e tudo”.

Quinto: “Criou no princípio”, isto é, na *ratio*, pois a *ratio*, o *logos* ou o verbo, é princípio e causa de todas as coisas.

[21] Sexto: “No princípio criou céu e terra”, porque as coisas inferiores nos entes são as primeiras e, em relação ao ser e no ser, comportam-se do mesmo modo que as superiores nos entes, segundo a palavra: “Se subo ao céu, Tu estás aí; se desço ao inferno, Tu estás presente” (Sl 138,8). Isso contradiz a opinião de Avicena³⁰ de outros que afirmam que no princípio Deus criou a inteligência, e que mediante ela, criou as outras coisas. Tudo tem, de fato, o ser imediatamente apenas de Deus e em igualdade. Um exemplo disso encontra-se nas potências da alma e nos órgãos do corpo, porque tudo possui o ser imediatamente e por igual da alma, sem intermediação, e não há aí nenhuma gradação quanto ao ser, ao viver e à alma.

Sétimo: **Céu e terra**, quer dizer, as coisas boas e as más, conforme Isaías: “criando o mal e fazendo a paz” (Is 45,7). Na verdade, a perfeição do universo³¹ exige que haja o mal, e o próprio mal está no bem e é para o bem do universo³², ao qual tende a criação por primeiro e de per si.

[22] Oitavo: Em sentido espiritual: “no princípio”, isto é, no Filho, cria “céu e terra”, porque ao homem justo e perfeito, que é filho de Deus – segundo a palavra: “deu-lhes o poder de tornarem-se filhos de Deus” (Jo 1,12). Deus prodigaliza com coisas celestes e terrenas, segundo as palavras: “colocou-o à frente de todos os seus bens” (Mt 24,47), e: “Foi-me dado todo poder no céu e na terra” (Mt 28,18).

³⁰ Met. IX C. 4 (104V).

³¹ Cf. DIONÍSIO AREOPAGITA, *De div. nom.* c. 4 par. 19. Assim, João Sarraceno interpreta: “E existirá o mal para a perfeição do todo, conferindo e por si mesmo dando em abundância ao todo não ser imperfeito”.

³² Cf. DIONÍSIO AREOPAGITA, *Ib.* par. 30 que João Sarraceno interpreta: “Deus viu o mal e o bem e nele estão as forças da causa dos males que fazem o bem [...]. Tanto o princípio como o fim de todos os males será o bem, pois a graça do bem é tudo e qualquer bem e qualquer contrário”.

[23] Nono: Ainda em sentido espiritual: **Deus cria o céu** e em seguida, simultaneamente, com o tempo³³, **a terra**, porque o homem divino tudo faz por amor ao bem celeste. Na verdade, essa ordem é natural. Nunca, pois, se afugenta as trevas senão pela luz, nem o frio a não ser que antes se inicie ou esteja presente o calor. Ao contrário, o homem mau, como não é semelhante a Deus, cria antes a terra, porque age por causa do mal que teme, e só depois faz o bem celeste.

[24] Décimo: “No princípio criou céu e terra”, quer dizer, as coisas ativas e as passivas, pois, embora o ativo preceda em dignidade ao próprio passivo, como o céu em relação à terra, no tempo, porém, são simultâneos, como demonstra a criação.

Ademais, também a forma e a matéria, como céu e terra, são simultâneos não só no tempo. Todavia, assim como a matéria não possui ser sem a forma, e esta, por essência, está sob a forma e é informada sem intermediação de potência, do mesmo modo e reciprocamente a forma recebe o ser, por essência, sem intermediação, na matéria e pelo ato de informar, pois informar é para ela ser. Assim, portanto, *no princípio*, isto é, no ser, se produz simultaneamente forma e matéria, ativo e passivo, céu e terra.

[25] Décimo primeiro: “criou Deus no princípio céu e terra”, porque as *rationes* das coisas concernem em Deus a um duplo ser, quer dizer, o ser intelectual na alma, que se entende por **céu** – “criou os céus no intelecto” (Sl 135,5) –, e o ser material fora da alma, designado pela **terra**. Por causa disso Platão colocava as ideias como princípio do conhecimento e da geração³⁴. E isso é o que afirma a palavra: “Vós me chamais de mestre e senhor” (Jo 13,13) – *mestre* refere-se a conhecimento, *senhor*, a ação exterior.

Décimo segundo assim: **céu** quer dizer o superior e **terra** quer dizer o inferior. O inferior é, pois, sempre vazio e imperfeito;

³³ Cf. AGOSTINHO, *Conf. c. 30 n. 40*: “Por isso, vejam, não pode existir nenhum tempo sem a criatura”.

³⁴ *Res publ. VI c. 19, 508 E. 509 B.*

o superior nunca. Escrevi a respeito disso no tratado *De natura superioris e inferioris*.

[26] Por último, deve-se advertir que ao se dizer que “*Deus criou no princípio céu e terra*”, quis dizer duas coisas e não muitas. Por exemplo: três, quatro e assim por diante, tampouco diz que criou um. A razão é esta: pelo fato de ser criada e ter sido criada, cada coisa perde a unidade e a simplicidade, pois a unidade e a simplicidade são próprias de Deus e sua propriedade, como largamente já observei sobre isso: “Deus é um” (Dt 6,4 e Gl 3,20). Ademais, tudo que decai do Um, do primeiro de todos, cai imediatamente na dualidade, mas decai nos outros números mediante a dualidade.

[27] É por isso que Avicébron³⁵ afirma que: “A questão ‘se existe’ é colocada de acordo com a ordem do um, porque apenas o ser existe” e só ela compete a Deus somente, que é “um, excelso e santo”. E “abaixo dele”, a questão “se existe” e “o que é, como dois”, compete à inteligência, que é a primeira abaixo de Deus. Mas à alma pertencem as questões “se existe”, “o que é”, e “como é, como três”. Pertencem à natureza ou à geração, que está abaixo da alma, as questões “se existe”, “o que é”, “como é” e “por que é, como quatro”, e referem-se ao “o que é”, “como é” e “se existe”.

[28] Além disso, a raiz de toda divisão, pluralidade e número é o primeiro número par, a saber, o dois, assim como a raiz e a razão da indivisão é o número ímpar ou o um. Por isso, todo ímpar, enquanto ímpar, é indivisível e o argumento para isso é que sua divisão não pode ser equitativa ou igual, mas sempre não equitativa e desigual ou em não iguais, a saber, em partes não desiguais.

³⁵ *Fons vitae*, V c. 24 (302,9; 301,20-302,1. 10-14). Segundo Avicébron, quatro ordens do ser são dispostas segundo a ordem do número.